

A ESTRATÉGIA DE PRONOME RESUMPTIVO NA FORMAÇÃO DE ORAÇÕES RELATIVAS DE OD E DE OBL DO PORTUGUÊS DE MOÇAMBIQUE¹

Feliciano Chimbutane
Universidade Eduardo Mondlane

I. Considerações Gerais

Uma das consequências imediatas da Independência Nacional de Moçambique (1975) foi a relativa massificação do ensino. Com efeito, se durante o tempo colonial apenas uma ínfima parte dos moçambicanos tinha acesso ao ensino, o advento da independência abriu as portas para a escolarização e, conseqüentemente, subiu de forma notável o número de nacionais com acesso à língua portuguesa, a língua oficial e de ensino em Moçambique.

Entretanto, neste processo de disseminação do português, vários factores concorreram para o desenvolvimento de novas formas de uso desta língua. Na verdade, factores como a falta de professores e de materiais de ensino da língua portuguesa, ausência de contacto com a variante europeia – adoptada como norma a seguir em Moçambique – aliados ao facto de o português ser língua segunda para a quase totalidade dos utentes², aceleraram o processo de formação do que se poderia chamar português de Moçambique (PM).

O processo de estabilização de uma variante linguística leva o seu tempo e nós estamos conscientes de que a variante moçambicana do português ainda está em processo de formação. No entanto, como falantes e, sobretudo, como professores de Português, constatámos já a existência de certas formas regulares, típicas de uso do português em Moçambique, desviantes relativamente à norma³ do português europeu

(PE) mas que neste país vão ganhando espaço, podendo por isso já serem "tomadas como (primeiras) evidências sobre as características da (futura) norma da variedade moçambicana do português". (GONÇALVES 1994:471-72)

Estas novas formas de uso do português em Moçambique não excluem contudo o uso desta língua de acordo com a norma europeia. É por isso que se pode dizer que, em Moçambique, paralelamente ao uso do português de acordo com a norma europeia há já novas formas (típicas) cada vez mais "toleradas".

Tais formas podem ser atestadas a diferentes níveis linguísticos – fonológico, lexical, sintáctico e semântico.

Na área da sintaxe, por exemplo, o PM exhibe padrões que uma vez estudados contribuirão para a caracterização desta variante em formação e até para a identificação de áreas de mudança no português.

Assim, já que certos aspectos verificados na sintaxe das relativas produzidas por falantes adultos e instruídos do PM se situam nesse conjunto de regularidades que caracterizam esta variante, consideramos que merecem um estudo e sistematização, daí a motivação para o presente trabalho.

Com esta pesquisa, achamos poder contribuir na descrição e sistematização do que se poderia chamar gramática do PM. Julgamos que uma tal sistematização seria de capital importância sobretudo na planificação e nas estratégias a seguir no processo de ensino e aprendizagem do português em Moçambique. Por outro lado, pensamos poder dar o nosso contributo na resposta ao desafio lançado por FARIA e DUARTE (1989:22-23) sobretudo ao interrogarem-se sobre o que une e "distingue sintacticamente falantes de diversas variedades do português".

II. O Objecto de Estudo e a Hipótese Explicativa Básica

Neste trabalho pretendemos fazer uma descrição estrutural das relativas restritivas de OD e de OBL do PM que seguem a estratégia de pronome resumptivo, uma estratégia não permitida pela norma do Português Europeu. Vejam-se os seguintes exemplos do PM:

- (1) ... esse é um tipo de programa [que eu adoraria imenso vê-lo].
- (2) Há algumas questões [que não podemos falar sobre elas numa sala de aulas].

Conforme se pode notar, nos dois casos a analisar há de comum o facto de o lugar que, de acordo com a norma do PE, se esperaria vazio por consequência do movimento Q, se encontrar lexicalmente preenchido por um pronome pessoal clítico acusativo, nas relativas de OD, ou por um SP/OBL (com a estrutura Prep + pronome pessoal tónico), nas relativas de OBL.

Apesar de exibir manifestações nem sempre coincidentes, a estratégia de pronome resumptivo na formação de orações relativas já foi atestada no PM, no PE e no Português do Brasil (PB). Vejam-se os exemplos seguintes de relativas de OD:

- (3) Encontrei uma pessoa [que não a via desde criança]. (PM)
- (4) "...há certos trabalhos [que mulheres não o podem fazer]" (PE, in: FARIA e DUARTE 1989:23)
- (5) "O buraco [que taparam ele outro dia]..." (PB, in: KATO 1993:230)

Conforme se pode notar, nas frases do PM e do PE, o resumptivo é um clítico acusativo ao passo que, na frase do PB, se usa um pronome pessoal tónico.

Nos dois casos em estudo, relativas de OD e de OBL, parece que os falantes do PM não analisam o morfema invariável **que** como veiculador de informação referencial, tal como é analisado nas relativas que seguem a estratégia da lacuna. Assim, porque este morfema não é interpretado como uma anáfora lexical, os falantes parecem recorrer aos pronomes resumptivos para recuperar, nas orações relativas, a informação referencial veiculada pelo antecedente.

Assumindo-se o que se disse no parágrafo anterior, parece poder-se postular que nos casos a analisar o morfema **que** não é um pronome relativo mas um complementador. A consequência desta

hipótese é que na formação das relativas do PM que constituem o nosso objecto de estudo não está envolvido o movimento Q.

Efectivamente, muitos autores (Cf. COMRIE 1981; FARIA e DUARTE 1989; HAEGEMAN 1991; GONÇALVES 1993 e outros) defendem que na formação de relativas com pronome resumptivo não está envolvida nenhuma operação de movimento.

No entanto, apesar de a posição acima indicada ser a mais difundida e ter muitos aderentes, ela não é pacífica. Com efeito, há alguns autores, como KATO (1993), que contestam esta análise.

III. Análise de Dados

1. Estratégia da Lacuna

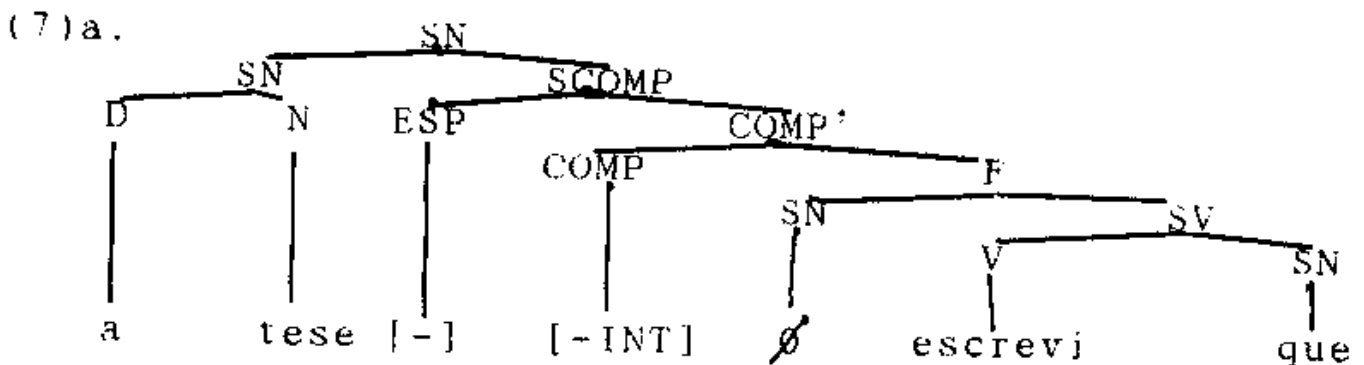
Neste ponto pretendemos destacar alguns aspectos referentes à forma como são analisadas, na TRL, as relativas de OD e de OBL que seguem a estratégia da lacuna, como forma de motivarmos a descrição das relativas do PM que seguem a estratégia de pronome resumptivo. Para isso, tomámos como base MATEUS ET AL. (1989) e BRITO (1991).

1.1. Relativas de OD

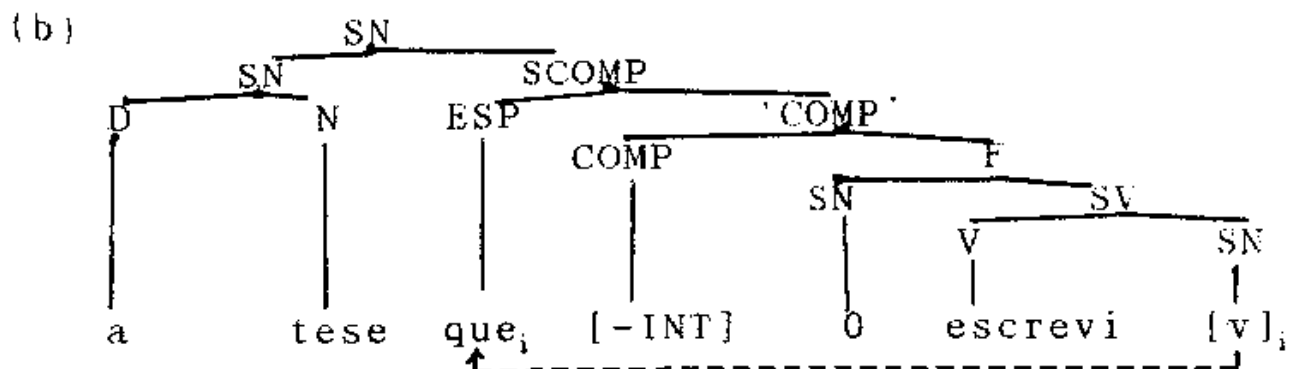
Para a descrição das relativas de OD que seguem a estratégia da lacuna, tomemos como exemplo a seguinte frase:

(6) A tese [que escrevi] roubou-me sono.

É a seguinte a estrutura-P⁴ de (6):



Conforme se pode notar, a posição de [ESP, SCOMP], local de poiso dos morfemas Q, encontra-se disponível. Esta posição vai ser preenchida, por movimento, pelo morfema relativo **que**, que ocupa, a este nível, a posição de [SN,SV] da relativa. Veja-se a seguir a estrutura-S de (6) depois da aplicação da regra mover Q:

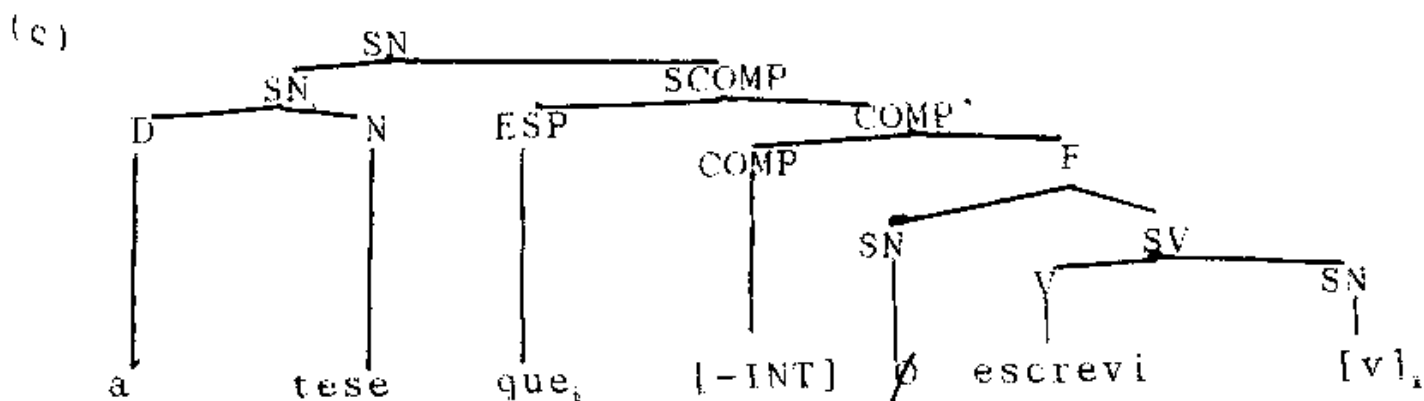


Através desta estrutura, pode-se ver que o morfema **que**, gerado na base na posição de [SN,SV], correspondente à sua função de OD, foi movido para a posição inicial da oração relativa, a posição de [ESP, SCOMP], deixando um vestígio na sua posição de partida. Como consequência desse movimento, o vestígio deixado é coindexado com o constituinte movido.

Nesta análise, o morfema **que** é um operador e o seu vestígio é uma variável sintáctica daí que a relação que se estabelece entre ambos é uma relação operador-variável. (Cf. BRITO 1991:167)

Assim, o **que** tem um duplo papel nesta oração – introduzir a relativa e representar o antecedente **a tese**. Como constituinte Q, este elemento desempenha, na relativa, a função sintáctica de OD.

No nível de FL, o operador, **que**, é coindexado com o antecedente da relativa, **a tese**, a partir da regra de predicacão⁵. Veja-se a seguir a FL de (6):



Apesar de a análise das relativas de OD que seguem a estratégia da lacuna apresentada ser a mais comum, há uma hipótese relativamente mais recente que começa a vingar nos estudos das relativas do português. Aliás, esta hipótese é paralela à análise que se tem adoptado actualmente na descrição das relativas do inglês introduzidas pelo morfema "that" e do francês, introduzidas por "que" (Cf. HAEGEMAN 1991).

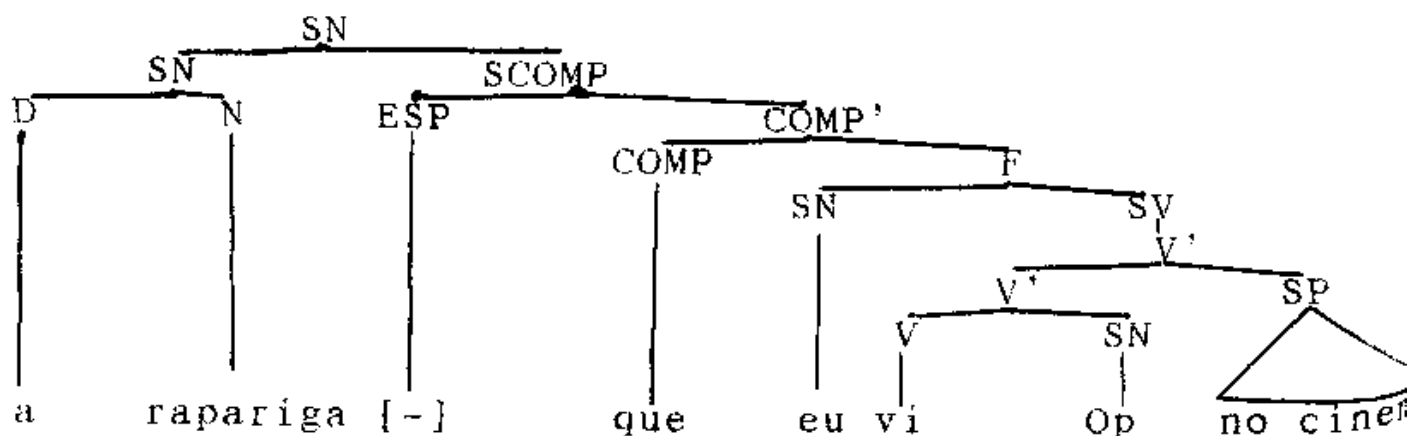
Na verdade, MATEUS ET AL. (1989:287, nota 1) e BRITO (1991:162-70 e 181-2), analisando as relativas de SU e de OD do PE, colocam a hipótese de o morfema invariável **que**, que introduz estas orações, ser um complementador gerado basicamente em COMP, daí que considerem que na formação destas relativas não esteja envolvido o movimento Q mas sim o movimento de um operador nulo para [ESP, SCOMP].

Veja-se como a frase (8) é analisada à luz da proposta de análise das autoras acima citadas.

(8) A rapariga [que eu vi no cinema] é minha amiga. (in BRITO 1991:181)

Na perspectiva de análise em referência, a estrutura-P de (8) é a seguinte:

(9)a. Estrutura-P

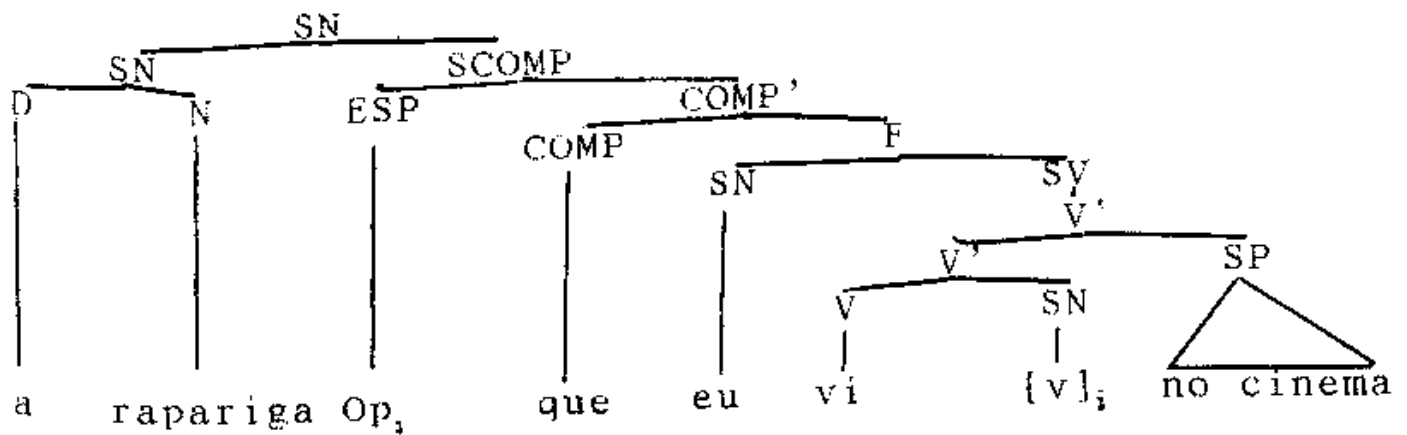


Como se pode observar, o morfema **que**, como complementador, é gerado basicamente em COMP. A posição de [ESP,SCOMP], que se

encontra disponível, vai ser ocupada, por movimento, pelo operador nulo que, a este nível, se encontra na posição de [SN, SV], como complemento OD do verbo *ver*.

Depois da aplicação do movimento do operador nulo, a estrutura-S de (8) é a seguinte:

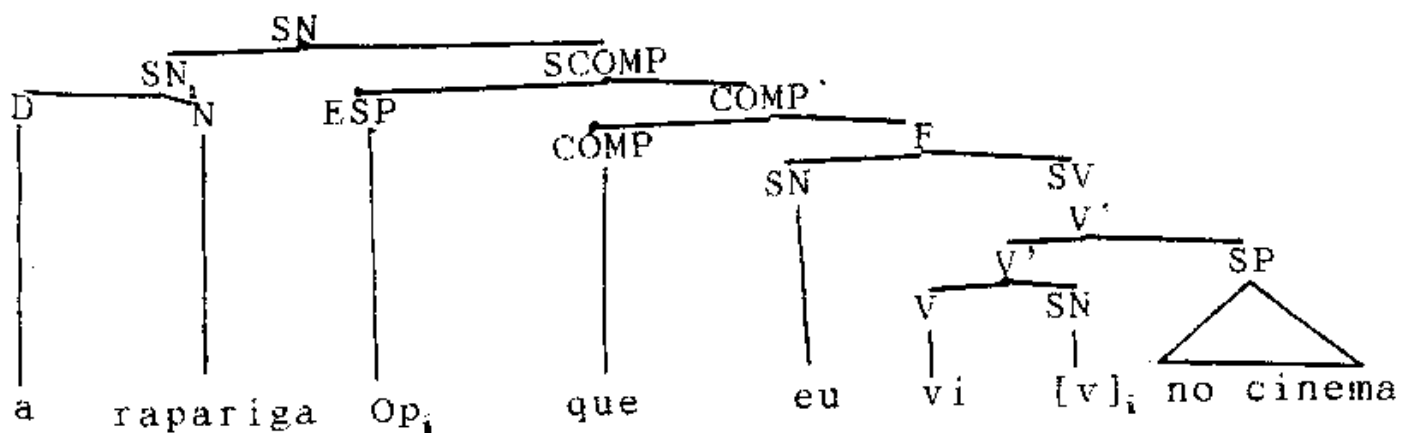
b) Estrutura-S



A este nível o operador nulo moveu-se para a posição de [ESP, SCOMP] deixando um vestígio na posição de partida. Como consequência desse movimento, o vestígio deixado é coindexado com o operador nulo. Assim, nesta análise estaria assegurada a relação operador-variável.

Tal como na análise feita em relação à frase (6), também neste caso, no nível de FL o operador nulo é coindexado com o antecedente da relativa a partir da regra de predicção. Veja-se a estrutura abaixo dada:

(c)



Como se procurou demonstrar, paralelamente à análise feita em relação à relativa contida em (6), MATEUS ET AL. (1989) e BRITO (1991) admitem ainda a hipótese de, na formação das relativas de OD do português que seguem a estratégia da lacuna, não estar envolvido o movimento Q mas sim o movimento de um operador nulo para [ESP, SCOMP]. Em 2.1., voltaremos a esta proposta de análise e procuraremos mostrar que ela é, em parte, compatível com a que nós colocamos para a descrição das relativas de OD do PM.

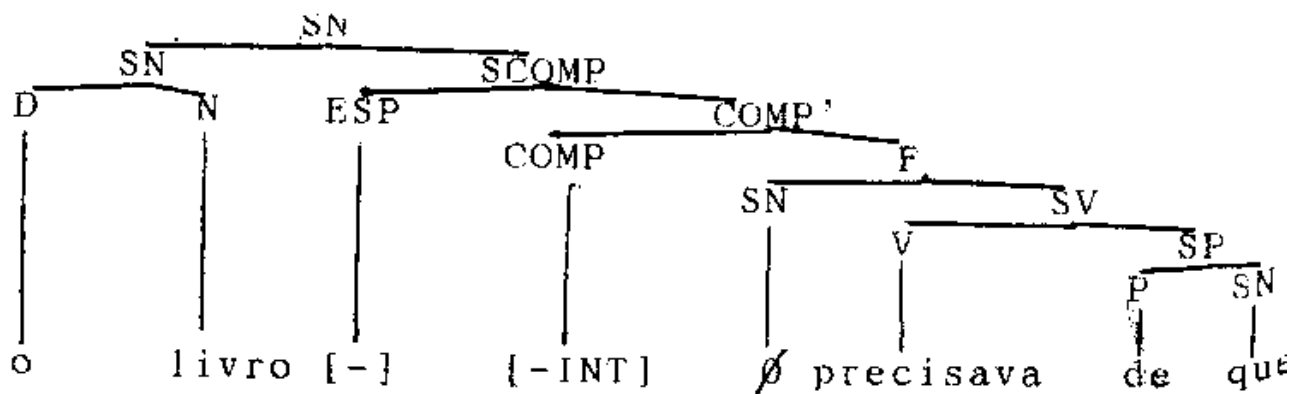
1.2. Relativas de OBL

Vejamos, tendo como base a frase (10), como é que as relativas de OBL que seguem a estratégia da lacuna são analisadas.

(10) Já consegui o livro [de que precisava].

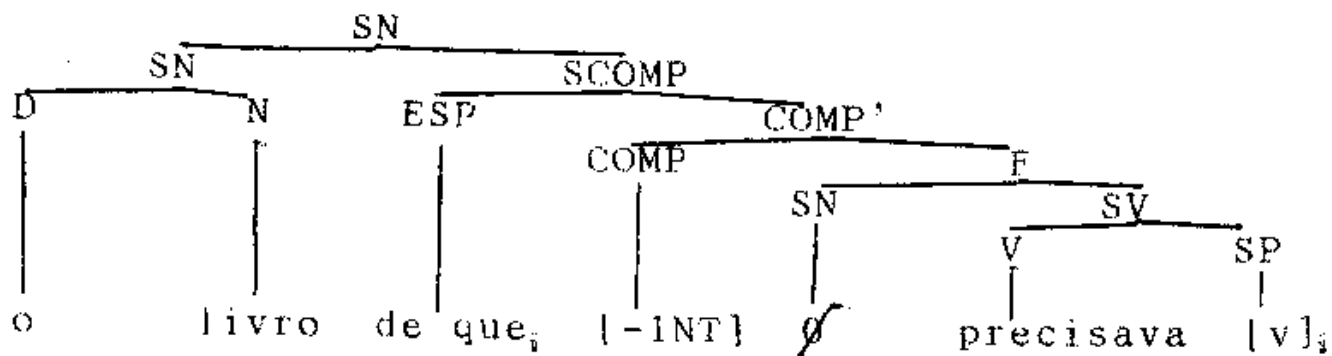
A estrutura-P de (10) é a seguinte:

(11) a.



Conforme se pode ver, em estrutura-P, a posição de [ESP, SCOMP], encontra-se disponível. Esta posição vai ser ocupada, depois da aplicação da regra mover Q, pelo constituinte relativo **de que**, que ocupa a este nível a posição de [SP,SV] da relativa. Assim, depois da aplicação da regra mover Q, a estrutura-S de (10) é a seguinte:

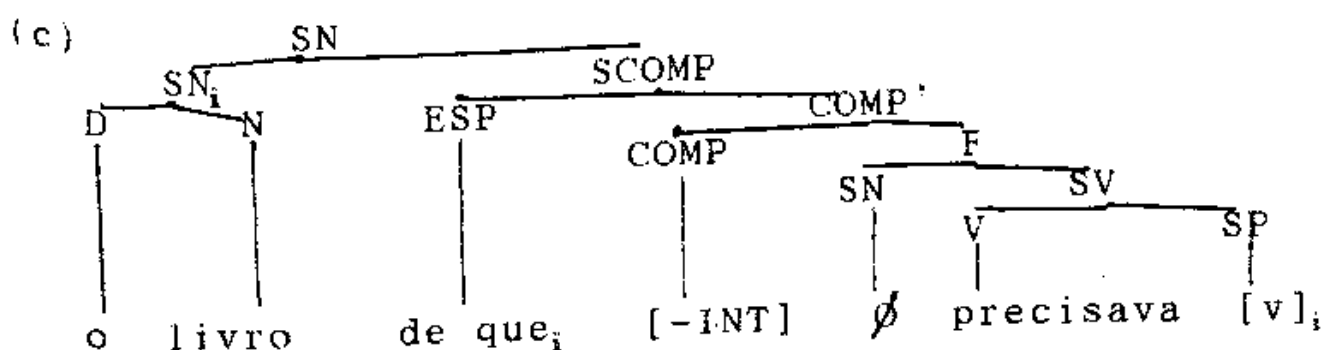
(b)



Como se pode ver, em estrutura-S, o constituinte relativo **de que**, gerado na base na posição de [SP,SV], foi movido para a posição de [ESP, SCOMP]. Como consequência desse movimento, na posição básica do constituinte movido há um vestígio.

Nesta análise, o constituinte **de que** é um operador⁶ e o seu vestígio é uma variável sintáctica, daí que a relação que se estabelece entre ambos é uma relação operador-variável.

A aplicação da regra de movimento Q justifica a coindexação entre o vestígio e o operador relativo ao passo que a coindexação entre o operador e o antecedente da relativa dá-se no nível de FL a partir da regra de predicção. Confirma-se a seguinte estrutura:



Uma vez que o português – diferentemente do inglês, por exemplo – não admite o fenómeno de "preposition stranding"⁷, não é aceitável que se desloque apenas o morfema relativo **que** permanecendo a preposição **de** "in situ", daí a agramaticalidade da frase (12) abaixo:

(12) *Já consegui *o livro* [que precisava **de** [v]].

^-----

Portanto, no caso do português, neste tipo de estrutura, o movimento Q desloca todo o SP que contém o morfema relativo.

2. Estratégia de Pronome Resumptivo

Neste ponto procuraremos, por um lado, demonstrar que as relativas de OD e de OBL em estudo não se deixam analisar pelo mesmo esquema usado para explicar as relativas de OD e de OBL que seguem a estratégia da lacuna e, por outro lado, iremos propor um esquema de

análise para as relativas do PM que seguem a estratégia de pronome resumptivo.

2.1. Relativas de OD

Para a análise das relativas de OD do PM, tomemos como base a frase (13).

(13) A donzela [que o eu-poético a amava] ia sempre à fonte.

A oração relativa destacada é de OD uma vez que a relativização diz respeito à posição de SN/OD, que neste caso está associada ao clítico acusativo *a*, ao invés da lacuna, conforme estabelece a norma do PE.

À luz da regra mover Q, por um lado, poder-se-ia dizer que o morfema *que*, uma vez tratar-se de uma relativa de OD, ter-se-ia movido da posição de [SN,SV] da relativa.

Por outro lado, partindo do princípio que os morfemas relativos desempenham funções sintáticas no interior das orações em que ocorrem, e considerando que estamos perante uma relativa de OD, este *que* seria o OD da oração em estudo.

Este modelo de análise não se nos afigura adequado para descrever a relativa contida em (13). Com efeito, assumindo que o morfema *que* se teria gerado na posição de [SN,SV] então teríamos de admitir que na entrada lexical do verbo *amar* estariam previstas duas posições [SN,SV], neste caso preenchidas, em estrutura-P, pelo morfema *que* e pelo clítico *a*, já que o clítico é regido e recebe caso do verbo.

Portanto, assim analisada a frase, estar-se-ia perante um caso de violação das propriedades de subcategorização do verbo em destaque pois este item lexical selecciona apenas um SN/OD, conforme ilustrado abaixo:

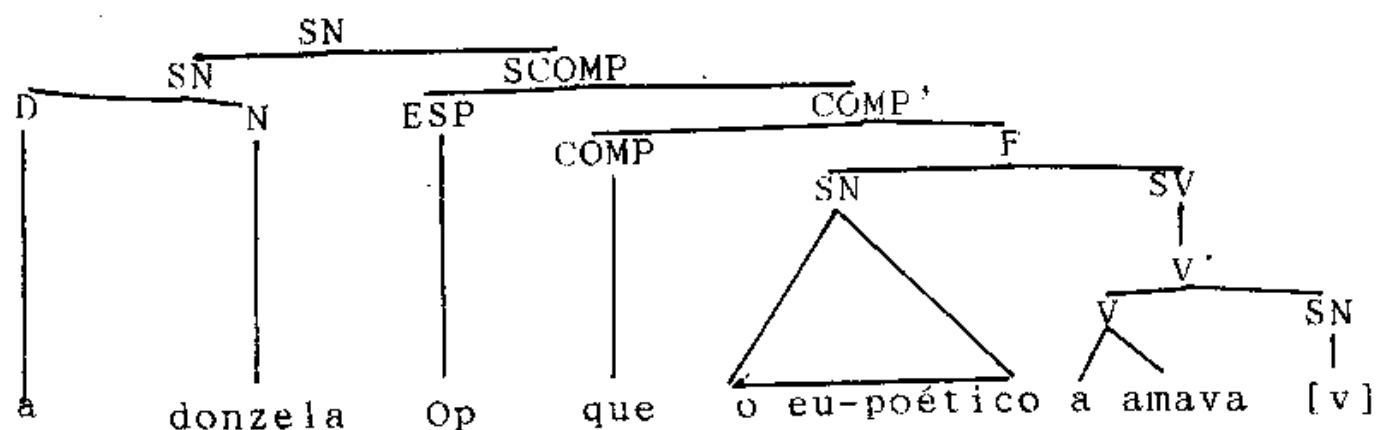
(14) amar_V: [– SN/OD_{Tema}]

No entanto, uma vez que frases como (13) são frequentes no PM e não são analisadas como agramaticais por uma grande parte de falantes, então urge encontrar uma explicação que as legitime, pelo menos, ao nível da Gramática Universal (GU).

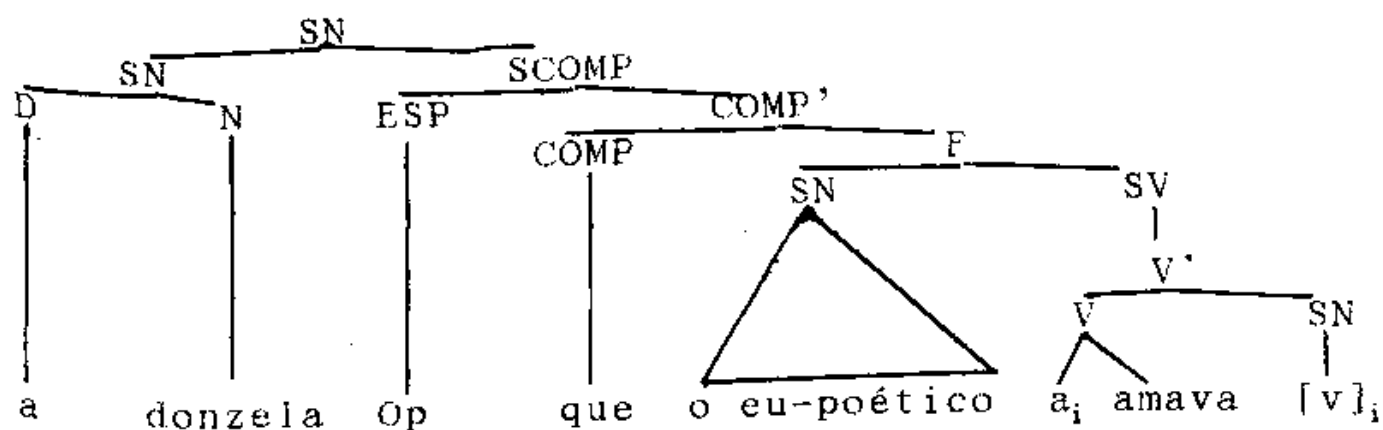
Assim, na análise das relativas com pronome resumptivo, achamos poder-se legitimar a nossa hipótese de o morfema invariável **que** ser apenas um marcador de subordinação e, portanto, referencialmente vazio.

A consequência da análise do morfema **que** como complementador é que este elemento não terá função sintáctica no interior da relativa. A função de OD será assim desempenhada pelo pronome resumptivo, o clítico acusativo. Nesta linha, a estrutura-P e a estrutura-S de (13) são a seguir apresentadas:

15) a. Estrutura-P



b. Estrutura-S

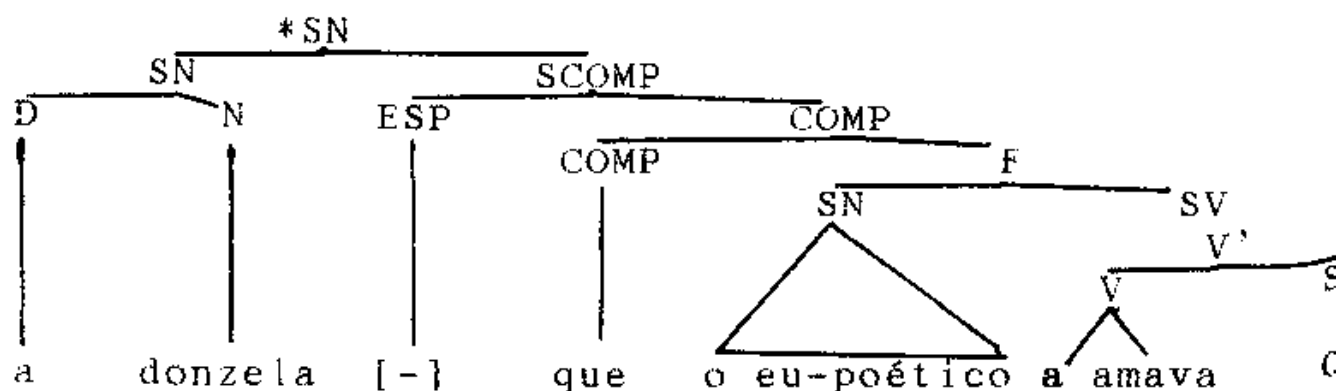


Como se pode ver, há uma semelhança entre as duas estruturas acima apresentadas. Tanto em estrutura-P como em estrutura-S, o operador nulo e o morfema **que** encontram-se nas mesmas posições, respectivamente, em [ESP,SCOMP] e em COMP. A posição de [SN,SV] da relativa, nas duas estruturas, está associada⁸ ao clítico.

À luz da proposta de análise de MATEUS ET AL. (1989) e BRITO (1991), na descrição de (8), dissemos que o operador nulo era gerado na base na posição de [SN,SV], movendo-se depois para a posição de [ESP,SCOMP]. Nesse caso tratava-se de uma relativa que seguia a estratégia da lacuna pelo que, o movimento do operador nulo era legitimado, em estrutura-S, pelo vestígio deixado.

Na relativa do PM contida em (13), se considerássemos que o operador nulo, tal como no caso de (8), tivesse sido gerado em [SN,SV], teríamos, em estrutura-P (Cf.16, abaixo), dois complementos OD – o operador nulo e o clítico – o que seria uma violação ao Princípio de Projecção já que, na entrada lexical do verbo **amar** está previsto apenas um complemento OD e não dois. Veja-se a estrutura abaixo:

(16) Estrutura-P



A má formação desta estrutura resulta do facto de dois constituintes, o operador nulo e o clítico, estarem associados à mesma posição de [SN,SV].

Assim, como o clítico já está associado em estrutura-P à posição de [SN,SV] então, o operador nulo só pode ter sido gerado na posição de [ESP,SCOMP], não se movendo desse lugar (Cf. as estruturas (15a e b)).

Portanto, diferentemente do que se disse em relação à relativa de OD contida em (6), neste caso, o morfema **que** tem apenas o papel de introduzir a relativa, cabendo ao resumptivo recuperar referencialmente, nesta oração, o antecedente.

Uma vez que apenas o resumptivo, e não o operador nulo nem o morfema **que**, é em todos os níveis de representação o complemento do verbo **amar** então não há violação do Princípio de Projecção. Deste

modo, fica assegurada a conservação das propriedades de subcategorização do verbo em causa.

Em última análise, o nosso estudo parece ter demonstrado que na formação das relativas de OD do PM não estão envolvidos nem o movimento Q nem o movimento do operador nulo.

Nas relativas restritivas canônicas mostrámos que, em estrutura-S, o operador relativo é coindexado com o seu vestígio, como consequência do movimento Q e, no nível de FL, a partir da regra de predicação, há uma coindexação entre o operador relativo e o antecedente da relativa.

Dada a natureza das relativas com pronome resumptivo, e tendo em conta a nossa proposta de análise, os mecanismos de coindexação propostos para o caso das relativas canônicas, de um modo geral, levantam problemas de aplicabilidade às construções do PM em estudo⁹.

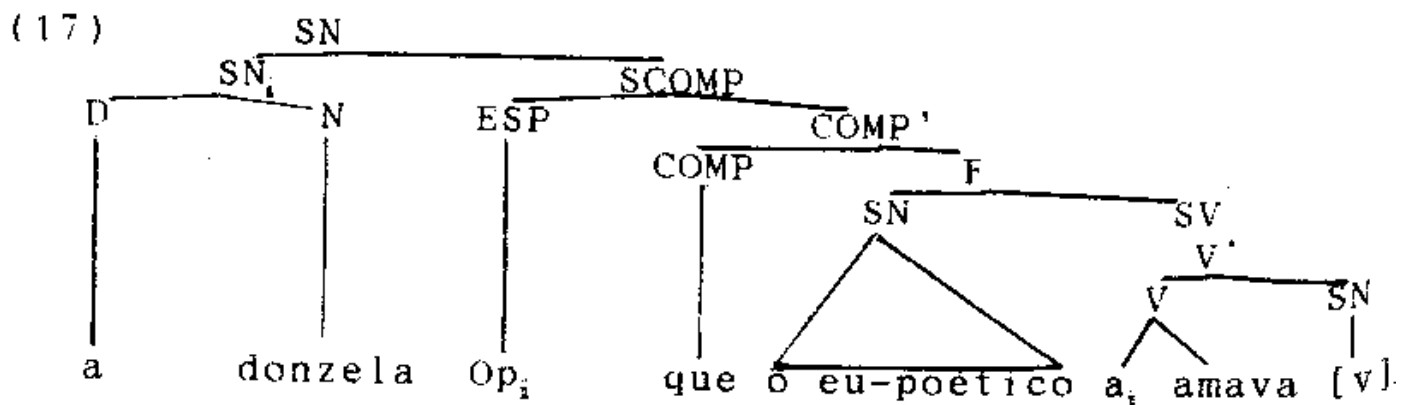
Na verdade, considerando que nas relativas com pronome resumptivo não está envolvido o movimento Q então como explicar a ligação entre o operador nulo, gerado basicamente na posição não argumental de [ESP,SCOMP], e o clítico, a variável sintáctica?

A nossa proposta é que, em primeiro lugar, o operador nulo terá que absorver os traços do antecedente da relativa para ser interpretável, para isso ter-se-á que invocar a regra de predicação. Com efeito, tendo em conta que segundo esta hipótese a relativa é predicada em relação a um antecedente, e o operador é na teoria o elemento que possibilita a ligação semântica entre esta oração e o seu antecedente, então parece legítimo supor que o operador nulo absorve os traços semânticos do antecedente, o que permite que seja interpretável e, conseqüentemente, coindexado com o antecedente da relativa.

Só depois de o operador nulo ter absorvido os traços do antecedente se poderá falar da relação entre o operador e o clítico. Para isso achamos poder-se invocar o princípio de interpretação plena, de acordo com o qual o nível da FL apenas deve conter elementos que contribuam para a interpretação semântica, excluindo-se portanto todos aqueles que não recebem interpretação semântica.(cf. HAEGEMAN 1991:539)

Nas relativas canônicas, semanticamente, cabe ao operador relativo representar o antecedente no interior destas orações. Analisando as relativas com pronome resumptivo, e considerando a nossa proposta de análise, temos o clítico a desempenhar o papel que seria desempenhado

pelo operador daí que achamos que só a associação entre o operador nulo e o clítico satisfaria o princípio de interpretação plena. Nessa perspectiva, a FL da frase (13) seria assim representada:



Conforme procurámos demonstrar, nas relativas com pronome resumptivo, por um lado, o antecedente da relativa e o operador nulo são coindexados a partir da regra de predicção e, por outro lado, o clítico associa-se ao operador nulo a partir do princípio de interpretação plena, dois mecanismos que operam no nível de FL.

2.2. Relativas de OBL

Tomemos como base a frase abaixo dada:

- (18) É necessário que os novos partidos tenham projectos [que o povo concorde com eles].

Para a descrição da relativa contida em (18), partamos das propriedades de subcategorização do verbo **concordar**:

- (19) concordar_v: [- SP/OBL]

A oração relativa em destaque é de OBL uma vez que a relativização está associada à posição de SP/OBL, neste caso lexicalmente preenchida. Com efeito, e como se pode observar, à direita do verbo **concordar** ocorre o SP **com eles** ao invés da lacuna, conforme deveria acontecer caso se admitisse a hipótese de ter sido aplicada a regra mover Q.

De acordo com o referido em 1.2., a haver movimento na formação desta relativa, ter-se-ia movido não apenas o morfema **que** mas todo o SP/OBL já que nesse caso o **que** seria complemento da preposição **com** e uma vez que o português não admite o fenómeno de "preposition stranding".

Por outro lado, uma vez que se assume que os morfemas Q são gerados na base nas posições correspondentes às suas funções sintácticas, a questão que se coloca é a seguinte: De que posição é que teria sido extraído o **que** na oração em análise?

No ponto 1.2., e de acordo com a regra mover Q, dissemos que, nas relativas de OBL permitidas pela norma do PE, o constituinte Q, que integra uma preposição e um morfema relativo, era extraído da posição de [SP,SV] para o início da oração relativa, deixando uma lacuna.

No caso da relativa contida em (18), o que se poderia considerar constituinte Q compreende apenas o morfema **que** e, ao invés da lacuna, ocorre um SP. Por isso, achamos que a análise por movimento Q não se revela adequada para explicar as relativas de OBL do PM.

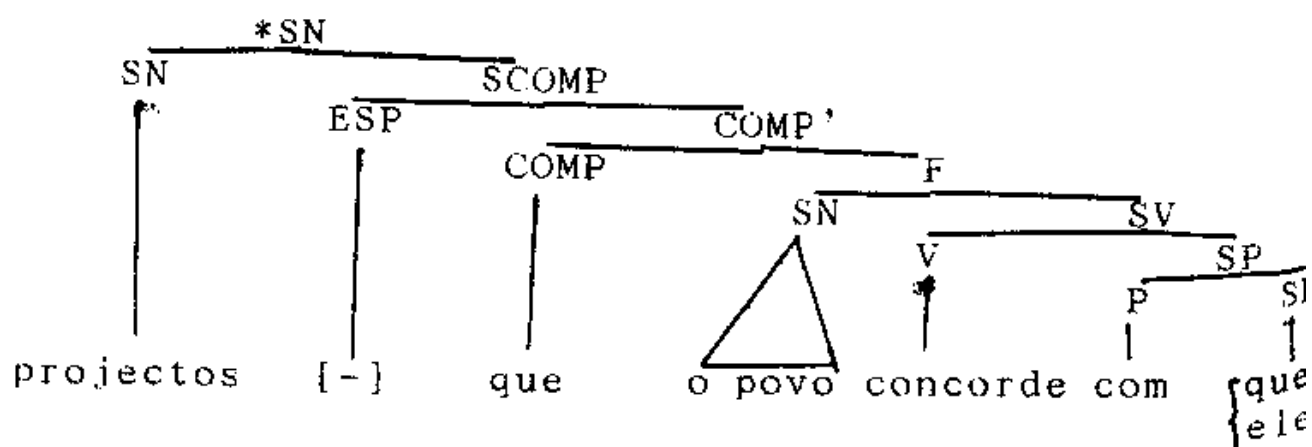
Efectivamente, em relação à relativa em análise, se considerássemos que o **que** é um morfema Q então estaríamos perante um constituinte nominal e, conseqüentemente, não poderia ter sido extraído da posição de [SP,SV]. Portanto, estruturalmente, fica excluída a possibilidade de o morfema em causa ser, em estrutura-P, SP/OBL do verbo **concordar**.

Na verdade, na nossa análise, e como procuraremos demonstrar mais adiante, é o constituinte **com eles** que ocupa a posição de [SP,SV] tanto em estrutura-P quanto em estrutura-S.

Considerando que o introdutor **que** fosse um morfema Q, e abstraindo-nos do facto de o português ser uma língua que não admite o fenómeno de "preposition stranding", podíamos ainda colocar a hipótese de tal elemento ter sido extraído da posição de [SN,SP] portanto, da posição de complemento da preposição **com**.

No entanto, essa possibilidade é de excluir pois já em estrutura-P essa posição é ocupada pelo resumptivo **eles**. Portanto, se admitíssemos a hipótese aqui colocada teríamos de admitir que o verbo **concordar** subcategoriza dois argumentos, o que entraria em contradição com a estrutura argumental do verbo em destaque, apresentada em (19). Veja-se a estrutura abaixo:

(20) Estrutura-P



A má formação desta estrutura resulta do facto de a mesma posição, de [SN,SP], ser ocupada por dois constituintes – o morfema **que** e o pronome resumptivo **eles**.

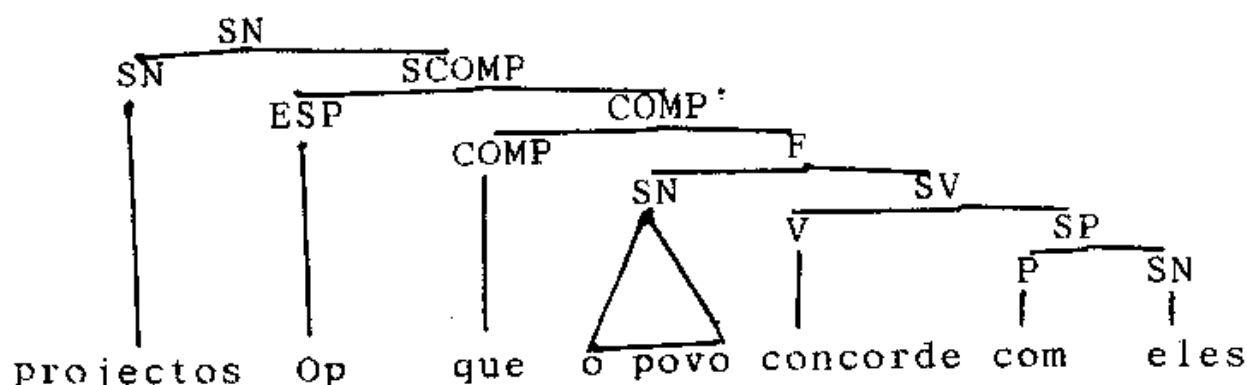
Assim, fica provado que o introdutor da relativa contida em (18), o **que**, não foi extraído nem da posição de [SP,SV] nem da posição de [SN,SP] e por conseguinte a oração em estudo não se deixa analisar à luz da regra mover Q.

Contudo, porque frases deste tipo são frequentes no discurso oral e escrito de falantes instruídos do PM, achamos que carecem de uma explicação que as legitime, pelo menos, ao nível da GU.

Assim, para a descrição das relativas de OBL do PM, tal como procuramos provar em 2.1. para as relativas de OD, o **que** invariável que inicia estas orações deve ser visto como complementador, o que implica dizer que deva ser interpretado como referencialmente vazio.

A consequência desta análise é que, tal como no caso das relativas de OD do PM, o morfema **que** não terá função sintáctica no interior da relativa. A função de OBL, requerida pelos verbos, será então desempenhada pelo SP constituído pela preposição subcategorizada pelo verbo da relativa e pelo pronome pessoal tónico com que ocorre. A estrutura-P e a estrutura-S de (18) abaixo dadas pretendem dar conta da nossa análise:

21) Estrutura-P (=Estrutura-S)

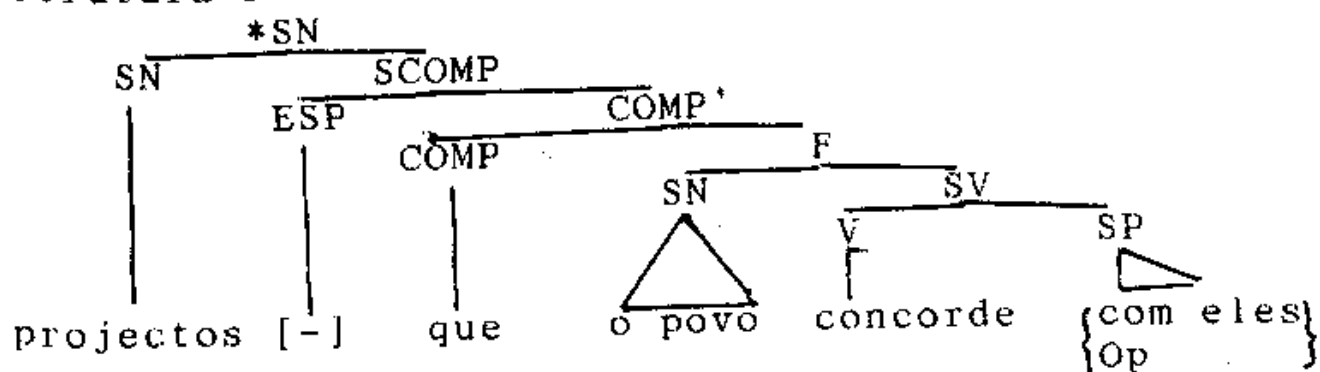


Tanto em estrutura-P quanto em estrutura-S, o operador nulo e o morfema **que** ocorrem nas mesmas posições, em [ESP,SCOMP] e em COMP, respectivamente. A posição de [SP,SV] é ocupada, também em ambas as estruturas, pelo SP **com eles**.

Considerando-se que os operadores relativos são gerados na base nas posições relativizadas, poder-se-ia dizer que, em (18), o operador nulo teria sido gerado em [SP,SV], já que está em causa uma relativa de OBL.

No entanto, como (21) mostra, esta análise não seria adequada uma vez que a posição supracitada é ocupada, em todos os níveis de representação, pelo SP **com eles**. É que se admitíssemos a hipótese acima colocada, estaríamos perante um caso de violação das propriedades de subcategorização do verbo **concordar**, já que, ao invés de um complemento SP/OBL previsto, ocorreriam, em estrutura-P, dois – o constituinte **com eles** e o operador nulo. Veja-se a estrutura abaixo dada:

(22) Estrutura-P



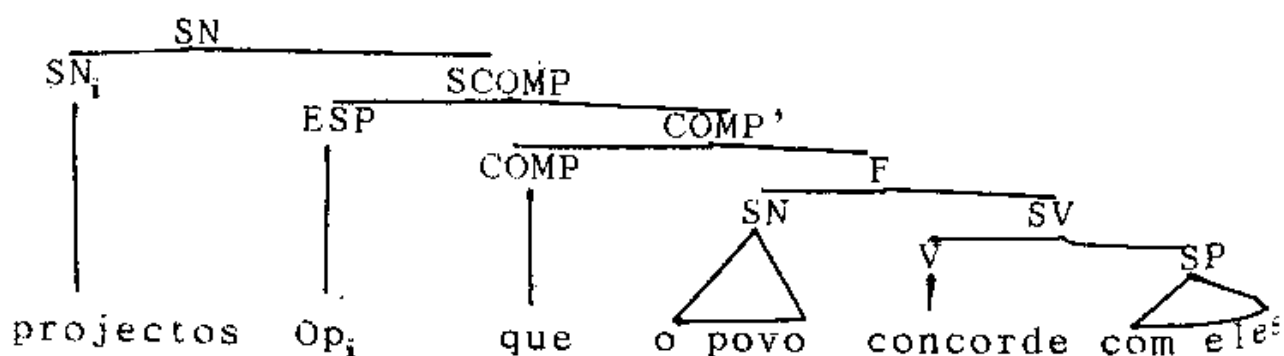
A má formação desta estrutura é consequência do facto de a mesma posição de [SP,SV] ser ocupada por dois constituintes – **com eles** e o operador nulo.

É pelas razões apresentadas acima que consideramos que o operador nulo é gerado na posição não argumental de [ESP,SCOMP] não se movendo desse lugar.

Portanto, tal como nas relativas de OD do PM, na formação das relativas de OBL não estão envolvidos nem o movimento Q nem o movimento do operador nulo.

A partir dos mesmos mecanismos invocados, relativamente às relativas de OD, para explicar a relação entre o operador nulo, o clítico e o antecedente da relativa, neste caso a FL da frase (18) seria a seguinte:

(23)



IV. Conclusões

Na descrição das relativas resumptivas de OD e de OBL do PM ora realizada, parece ter ficado demonstrada a inadequação da explicação da estrutura destas orações com base na regra mover Q.

Para provar a inadequação dessa análise, tomámos como ponto de partida a articulação entre as propriedades de subcategorização dos verbos das relativas e o Princípio de Projecção.

Assim, mostrámos que ao se conceber que o **que**, introdutor das relativas de OD e de OBL que seguem a estratégia de pronome resumptivo, é, em estrutura-P, argumento dos verbos das relativas, conforme a análise à luz da regra mover Q, violam-se as propriedades de subcategorização desses verbos, já que nesse caso há uma sobreposição entre esse morfema e o pronome resumptivo.

Ao analisarmos o **que**, introdutor das relativas estudadas, como complementador, legitimámos estas orações ao nível da GU. Com efeito, mostrámos que, com a nossa análise, se ultrapassa o problema de violação das propriedades de subcategorização dos verbos das relativas. Pensamos ter provado, portanto, que nas relativas de OD e de OBL do PM não está envolvido o movimento Q.

Para se preservar a relação operador-variável, característica de qualquer oração relativa, postulámos a existência de um operador nulo. Só que, tal como procurámos demonstrar, tanto nas relativas de OD quanto nas de OBL, esse operador nulo é gerado na posição não argumental de [ESP,SCOMP], não se movendo desse lugar.

Dada a natureza das relativas com pronome resumptivo, propusemos formas alternativas para explicar a coindexação entre o antecedente da relativa, o operador nulo e o pronome clítico. Assim, para explicarmos a relação entre antecedente e o operador nulo, adoptámos a regra de predicação (na versão de BRITO [1991]) e para a relação entre o operador nulo e o clítico invocámos o princípio de interpretação plena.

Deste modo, e como procurámos demonstrar, as relativas de OD e de OBL do PM, que seguem a estratégia de pronome resumptivo, apesar de desviantes à luz da norma do PE, são legítimas, pelo menos, ao nível da GU.

Corpus¹⁰

A. Relativas de OD

- F1. A senhora mandou uma mensagem ao amigo que tanto o amava.
(... o amigo que tanto amava)¹¹
- F2. A donzela que o eu-poético a amava ia sempre à fonte.
(A donzela que o eu-poético amava...)
- F3. A educação tem conseguido nos últimos tempos resultados que não podemos considerá-los satisfatórios.
(... resultados que não podemos considerar satisfatórios.)
- F4. Esse é um facto que podemos constatar-lo se formos a Portugal.
(... um facto que podemos constatar...)

- F5. Ouvi a voz da minha mãe proferindo algumas palavras que não consegui entendê-las.
(... algumas palavras que não consegui entender)
- F6. Tirou do bolso um documento que ao exibi-lo disse...
(... um documento que ao exibir...)
- F7. O "ninja" sacou do bolso um punhal que o exibiu em plena paragem.
(... um punhal que exibiu ...)
- F8. As pessoas que as íamos libertando passavam a ficar sob o nosso controlo.
(as pessoas que íamos libertando...)
- F9. ... Podia recuperar as forças que já não as reunia.
(... as forças que já não reunia)
- F10. E eu disse-lhe: "Tens que ter cuidado com as novas amizades bem como com as que já as tens há muito tempo."
(... as que já tens)
- F11. Esse é um tipo de programa que eu adoraria imenso vê-lo.
(... um tipo de programa que eu adoraria imenso ver)
- F12. Estava preocupado com a morte de uma amiga que precisava de vê-la a todo o custo.
(... uma amiga que precisava de ver a todo o custo)
- F13. Encontrei uma pessoa que não a via desde criança.
(... uma pessoa que não via desde criança)
- F14. Fiquei impressionado pelos fabulosos prémios que os vi serem distribuídos aos jogadores.
(... os fabulosos prémios que vi serem distribuídos aos jogadores)
- F15. Há passagens do texto que podemos vê-las.
(... passagens do texto que podemos ver)

B. Relativas de OBL

- F16. O pano que apagamos com ele o quadro desapareceu.
(o pano com que/o qual apagamos o quadro...)

- F17. Havia rapazes que nós não brincávamos com eles.
(... rapazes com os quais nós não brincávamos)
- F18. É necessário que os novos partidos tenham projectos que o povo concorde com eles.
(... projectos com os quais o povo concorde)
- F19. Estes são os Zimbabweanos que eu correspondia com eles.
(... os zimbabweanos com os quais eu me correspondia)
- F20. Conheço pessoas que cresci com elas que não queriam nada com a escola.
(... pessoas com as quais cresci ...)
- F21. As crianças que nós discutimos sobre elas na aula passada também são vítimas da sociedade.
(as crianças sobre as quais nós discutimos...)
- F22. O professor tirou certas matérias que não falámos sobre elas nas aulas.
(... certas matérias sobre as quais não falámos...)
- F23. Há algumas questões que não podemos falar sobre elas numa sala de aulas.
(...algumas questões sobre as quais não podemos falar...)
- F24. ... diz três tipos que já ouviste falar deles.
(... três tipos de que já ouviste falar)
- F25. O senhor que me atendeu foi chamar o suposto Célio que eu queria falar com ele.
(... o suposto Célio com quem eu queria falar.)
- F26. Esta é a mulher que gosto dela.
(... a mulher de quem gosto)
- F27. O professor reprovou os alunos que ele não gostava deles.
(... os alunos de quem ele não gostava)
- F28. A equipa que jogámos com ela no domingo deu muita réplica.
(a equipa com que/a qual jogámos ...)

- F29. Há algumas figuras de estilo que nós nos lembramos logo delas mas...
(... algumas figuras de estilo de que nós nos lembramos logo...)
- F30. A actriz era a mulher que ele namorava com ela.
(... a mulher com a qual ele namorava)
- F31. ... É buscar o mal que já padece dele.
(... o mal de que já padece...)
- F32. De Angola até Moçambique há muitos países que a pessoa tem que passar por eles...
(... muitos países por que/pelos quais a pessoa tem que passar...)
- F33. O apoio que estas crianças precisam dele não deve ser apenas material.
(o apoio de que estas crianças precisam...)
- F34. Os sons que se refere a eles o autor são inaudíveis.
(os sons a que se refere o autor...)
- F35. O dinheiro que saí com ele desapareceu.
(o dinheiro com que saí...)
- F36. ... O eu poético compara o mal que está submerso nele com a situação do seu povo.
(... o mal em que está submerso...)

Nota

- ¹ O presente texto é uma versão reduzida do meu trabalho de licenciatura apresentado à Universidade Eduardo Mondlane.
Agradeço a Prof. Doutora Perpétua Gonçalves pelo apoio multifacetado prestado ao longo das várias etapas da realização do meu estudo e a Prof. Doutora Inês Duarte pelas sugestões que me fez após a apresentação desta comunicação no XI Encontro da APL.
- ² Segundo o censo de 1980, o português era falado por menos de 30% dos moçambicanos, dos quais apenas 1,2% tinha esta língua como língua materna (L1).
- ³ Por uma questão de simplicidade, neste trabalho, usamos o termo norma com o sentido de norma-padrão.
- ⁴ As representações das estruturas-P, estruturas-S e FL serão simplificadas. Representaremos apenas os SN's que contêm as relativas já que as outras partes das frases não são relevantes para a nossa análise. P.e. neste caso, o SV da frase matriz, "roubou-me sono".
- ⁵ Sobre esta regra, veja BRITO (1991).

- ⁶ Sobre o estatuto de operador de SP's que contêm morfemas relativos veja BRITO (1988:149-160) e BRITO (1991:108-114).
- ⁷ GONÇALVES (1990:112) traduz esta expressão como "paralisação da preposição". O inglês é uma língua que admite este fenómeno daí a legitimidade da seguinte frase:
(i) I saw the man who you were looking for.
Em (i) moveu-se o morfema who para o início da relativa permanecendo a preposição for "in situ".
- ⁸ Na representação do clítico adoptada neste trabalho, assume-se que este elemento forma cadeia com uma categoria vazia em posição argumental de objecto. Considera-se assim que o clítico é engendrado na base em posição não argumental sendo associado à posição argumental de [SN,SV], que entretanto se encontra vazia (Cf. GONÇALVES 1990:251).
- ⁹ Sobre os mecanismos interpretativos envolvidos nas relativas com pronome resumptivo, vamos aqui apenas colocar alguns problemas que estas orações levantam e propor algumas linhas de trabalho já que, nesta área das relativas do PM, o nosso estudo ainda está numa fase preliminar.
- ¹⁰ As frases que constituem este corpus foram produzidas por alunos do nível pré-universitário, com idades compreendidas entre os 17 e os 45 anos, quer em situação de discurso oral quer de discurso escrito.
- ¹¹ Apresenta-se entre parênteses uma possível realização da frase na norma do PE. Nesta apresentação, tem-se em conta apenas o SN que contém a relativa.

Referências

- BRITO, A.M.(1988) *Sintaxe das Orações Relativas em Português: Estrutura, Mecanismos Interpretativos e Condições sobre a Distribuição dos Morfemas Relativos*. Tese de doutoramento, Universidade do Porto, Faculdade de Letras.
- BRITO, A.M.(1991) *A Sintaxe das Orações Relativas em Português*. Porto: Instituto Nacional de Investigação Científica.
- COMRIE, B.(1981) *Language Universals and Linguistic Typology*. 2nd ed. Oxford: Blackwell, 1989.
- FARIA, I.H.; DUARTE, I.(1989) "O Paradoxo da Variação: Aspectos do Português Europeu". *Revista Internacional de Língua Portuguesa*, nº 1, Lisboa: Associação das Universidades de Língua Portuguesa, p.21-27.
- GONÇALVES, M.P.(1990) *A Construção de uma Gramática de Português em Moçambique: Aspectos da Estrutura Argumental dos Verbos*. Tese de doutoramento, Universidade de Lisboa, Faculdade de Letras.
- GONÇALVES, M.P.(1993) "Aspectos da Sintaxe do Português de Moçambique". In *Introdução à Linguística Geral e Portuguesa*, Lisboa: Caminho, 1996.

- GONÇALVES, M.P.(1994) "Movimentos Sintáticos no Português de Moçambique". In *Momentos de Crítica Literária VIII* (Actas dos Congressos Literários de Campina Grande), Campina Grande, 1994, p.471-479.
- HAEGEMAN, L. (1991) *Introduction to Government and Binding Theory*. Oxford: Blackwell.
- KATO, M.A.(1993) "Recontando a História das Relativas em uma Perspectiva Paramétrica". In ROBERTS, I. e KATO, M.A.(orgs), (1993), p.223-261.
- MATEUS, M.H.; BRITO, A.M.; DUARTE, I.; FARIA, I.H.(1989) *Gramática da Língua Portuguesa*. 3ª ed. Lisboa: Caminho, 1992.
- ROBERTS, I. e KATO, M.A.(orgs) (1993) *Português Brasileiro: Uma Viagem Diacrónica*. Campinas: Editora da UNICAMP.